

Inventa-se um mundo cada vez que se escreve.
(Michel Maffesoli)

Ana Rita Santiago¹²

RESUMO

Este texto³ apresenta algumas memórias poéticas da *Antologia Pessoal*, de Carolina Maria de Jesus, organizada por José Carlos Sebe Bom Meihy, publicada, postumamente, em 1996. Tece considerações sobre a poética dessa escritora que parece continuar tão esquecida pelo mercado editorial, mas tão pertinente por recordar e construir o presente e o porvir de suas vozes autorais e poéticas. Essas encenam vários eu(s) referenciais e ficcionais que possuem marcas discursivas pautadas por *dizer e escrita de si*, comprometidas com desdizeres que atuam como contraditos ou outros dizeres de si (nós).

PALAVRAS-CHAVE: Memórias poéticas; Dizer de si; Escrita de si.

ABSTRACT

This text presents some poetic memories present of Personal Anthology of Carolina Maria de Jesus, organized by José Carlos Sebe Bom Meihy, published posthumously, in 1996. Woven considers important about poetic this writer who sometimes seems so forgotten by the publishing, but as pertinent to recall, build the present and the future of their copyright and poetic voices. These staging several I (s) references and fiction that have discursive marks guided by saying and writing itself, committed to contradicted that act as other sayings of oneself and others.

KEY-WORDS: Poetic memories; Tell him; Writing you.

Este texto apresenta algumas memórias poéticas⁴ presentes em *Antologia Pessoal*, de Carolina Maria de Jesus (1915-1977), organizada por José Carlos Sebe Bom Meihy e publicada, postumamente, pela editora da UFRJ, em 1996. Além dessa obra, ela escreveu *Quarto de despejo - Diário de uma favelada*, *Casa de Alvenaria*, *Provérbios*, *Pedaços da fome* e *Diário de Bitita*.

A poesia de Carolina é uma *prática discursiva* (FOUCAULT, 1997) de reinvenções de *autoconstituição*, mas também do (a) outro (a). Essa *autoformação*, que implica e resulta em *autointerpretação*, não se configura em fixar verdades sobre si nem em buscar significações definitivas de si mesmas. Ao contrário, por ela, procede-se um pensar sobre si que desemboca nas relações com tantos outros (as) que lhes circundam.

Indubitavelmente, com esse exercício, Carolina se tece autora de uma *escrita de si* (FOUCAULT, 1997), pois, através de suas poéticas, cosem fiapos de memórias que só parecem individuais. A *escrita de si*, como a arte de si mesmo, consiste em um exercício de instituição como autor/a de uma narrativa que se desdobra ao mesmo tempo em formação de si e em *des-hierarquização* de saberes e já ditos de si. Além disso, significa construir *processos de subjetivação*, garantindo soberania, *autogovernabilidade* e *autoformação*, para ter poder e saber como um ato político e para criar outros modos de constituição. A *escrita de si*, portanto, não é apenas uma elaboração sobre si, mas é

¹ Professora Adjunta do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

² Todos os poemas citados, neste texto, foram publicados na *Antologia Pessoal* (1996), de Carolina Maria de Jesus. Desse modo, ao longo do texto, serão apresentadas apenas as suas páginas.

³ Este texto compõe estudos, em curso, realizados no âmbito do pós-doutoramento.

⁴ *Memórias Poéticas*, neste texto, referem-se a modos de auto-constituição de autoras negras, atribuídas como *escritas de si*, conforme M. Foucault (1992), pois, através de narrativas e poéticas de si (nós), cosem fios, fiapos e retalhos de memórias. Recriam remendos de recordações que se quer lembradas e desfazem trapos de ditos sobre si que as colocam subjugadas e subalternizadas. Com tais memórias, reinventam suas trajetórias e lembranças e auto-ficcionalizam, compreendendo-as como um *dizer de si* em meio a outros dizeres sobre elas. Assim, suas memórias poéticas instituem-se como invenções afirmativas e diferenciadoras de si (nós) e de africanidades.

também *(des) ditos de saberes* (FOUCAULT, 1997; 2006), apreendidos, adquiridos, memorizados, externos e não originários.

Cumprir apresentar, neste íterim, segundo o intuito deste texto, Carolina Maria de Jesus que, além de contista, romancista, compositora de samba e roteirista de peças teatrais, foi também poeta, deixando inúmeros poemas inéditos e projetos de sua publicação. Lamentavelmente, uma antologia por ela organizada só foi, postumamente, publicada em 1996. Seu desejo, infelizmente, não realizado, era despontar na cena literária como *poeta*. Por conta disso, no seu primeiro *caderno*, constam apenas poemas.

Ela gostava, demasiadamente, de suas poesias e as avaliava como o melhor e mais relevante de sua produção literária. Para sua frustração, entretanto, não foi bem assim que o mercado editorial e a crítica literária mensuraram-nas. Ainda assim, a sua poesia pulsa, como abordaremos a seguir, e desfila desapontando e desafiando possíveis postulados herméticos das teorias e críticas e dos circuitos literários.

Ninguém amou a poesia
Certamente mais do que eu
Nem mesmo Gonçalves Dias
Nem Casimiro de Abreu. (p. 211)

Nos poemas de Carolina, aparecem marcas discursivas que circulam contando e cantando sobre si/nós, recriando e fazendo conhecer ditos, fatos e histórias, entrelaçados por outras narrativas de pessoas, lugares e eventos memoriais. Seus versos oscilam entre a ficcionalização e a referencialidade, com fragmentos aleatórios e esparsos. A memória poética de Carolina, desse modo, tecidas por linhas e recortes de micronarrativas de vários eu (s), (re) inventa o vivido, atualizando não tal como ocorrera, mas como a voz poética inventa.

Ademais, este texto tece algumas considerações sobre memórias poéticas de Carolina Maria de Jesus tão esquecidas pelo mercado editorial e circuitos acadêmicos e culturais, tão pertinentes por recordar, construir o presente e o porvir, de vozes literárias negras femininas, mas também tão bem lembradas, atualmente, sem preocupações com *meras semelhanças*, por tantas autoras negras.

Carolina Maria de Jesus: Uma *Poeta da Fome*

Poeta por que chora?
É uma dor e uma saudade
Meus tempos de outrora
A minha felicidade. (p. 211)

Podemos questionar por que Carolina Maria de Jesus, embora tenha tido uma produção textual tão vasta, composta por tantos gêneros, tais como música, roteiros para teatro, poesia e prosa, o mercado editorial privilegiou tornar mais pública apenas suas vertentes memorialistas, em prosa, acima de tudo, os diários? Por que foi tão breve o período auge de sua fama e reconhecimento? Por que se relegaram outras faces identitárias da artista, como poeta e compositora de sambas ao status de meros dados biográficos? Certamente há várias possibilidades e vertentes para debater tais provocações, tais como gênero, raça, política, histórico e sociocultural. Todas por si só são, prevalentemente, procedentes e legítimas.

Evidentemente que a escolha do mercado editorial pelos diários, com tons autobiográficos e com *práticas discursivas* de uma *escrita de si* não foi uma ação, como todas e quaisquer outras, desprovida de intencionalidades. Não é propósito deste texto fazer referências sobre o contexto brasileiro em que Carolina apareceu no circuito editorial. Ainda assim, vale ressaltar que, para tal mercado e para a conjuntura política,

econômica e sociocultural em que transitara, apresentando-se (e/ou sendo apresentada) como escritora, foi mais propício e oportuno divulgar a história de uma favelada e semianalfabeta em ascensão, contada por ela mesma.

Diante do processo de industrialização, desenvolvimento, urbanização e modernização do Brasil, na década de sessenta, associado à onda da corrida pelo progresso, Carolina Maria de Jesus, com suas histórias de favelada e catadora de papel, tornou-se um tipo cabível e útil, segundo José Carlos Sebe Bom Meihy (1996) para os fins dos projetos políticos e econômicos da época. Para esse historiador e crítico literário, ao refletir sobre o aparecimento de Carolina, explica brevemente o contexto brasileiro, chamado de "Anos Dourados" (década de sessenta, período do presidente Juscelino Kubitschek (JK)) (MEIHY, 1996), que talvez permita entender melhor o surgimento dessa escritora no mercado editorial, como um *fenômeno*, bem como a predominância de tal gênero.

O contexto brasileiro dos "anos dourados", sobretudo na fase de JK, alargou nosso território cultural, implicando a inclusão de nomes que antes, graças à dominação de um critério e conceito de cultura, não permitiam o aparecimento de personagens "novas". Mantendo uma tradição firmada em valores da elite e na ortodoxia apoiada no pressuposto da *norma culta*, a permanência das regras costumeiras funcionava como obstáculo para a inclusão de novas linguagens, temas malditos e tipos sociais estranhos a elas. Na contramão, a experiência democrática funcionava como ameaça cultural, visto que a antiga ordem se colocava sob o juízo do elitismo, que não era apenas político [...]. A partir da ebulição cultural em escala ampla, na qual apareciam figuras populares, emergiram gêneros textuais pouco prezados, criando um atrativo diferente para o público em geral: os diários e as autobiografias [...] (MEIHY, 2004, p. 22)

Cabia, pois, uma narrativa de testemunho, de acordo com o entendimento de Luis Costa Lima (1986), como a sua obra mais conhecida, *Quarto de despejo, diário de uma favelada* (1963), que favorecesse, mais eficaz e eficientemente, aproximar a realidade da ficção, uma vez que a mão que escreveu não se distanciou da voz que enunciou. Nessa sua primeira obra, Carolina Maria de Jesus auto-declara os motes e ensejos da sua escrita, ao longo de suas obras, tornando a fome e a miséria em *palavras poéticas e ficcionais*.

[...] Quando eu não tinha o que comer, em vez de xingar eu escrevia [...]. A favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós os pobres, somos os trastes velhos [...]. “[...] Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados [...]” (JESUS, 1993, p. 170-171; 173).

A fome, um dos temas caros a Carolina, não foi vivido por ela como um trabalho árduo da imaginação ou da prática (ou ausência) da solidariedade, caridade ou fraternidade, foi, infelizmente, uma amarga e triste companhia quase ao longo de toda a sua existência. Ela cria, assim, uma poética em que escancara os malefícios e má sorte daqueles (as) que são acometidos (as) pela fome. Em *Meus filhos* (p. 196), de *Antologia Pessoal* (1996), a voz de uma mãe *miserável poeta* ilustra bem a sua *Poética da Fome*.

Vou internar os meus filhos
Meus tesouros prediletos
Ficam lá sem os meus carinhos
Sem ósculos e afetos
Será que vou resistir
À dor da separação?

Despertar e não ouvir
Mamãe eu quero pão
Como é agro o meu viver

Só Deus sabe o meu estado
Não sei como hei de fazer
Sem os meus filhos ao meu lado
Meu eu vou sucumbir
Quando os meus filhos zarparem-se
A saudade vai interferir-me

Mas hei de resignar-me
Sou uma mísera poetisa
Às vezes falta-me pão
Por isso fico indecisa
Sem saber se os interno ou não.

A *mãe poética*, atormentada pelas vicissitudes da fome, declara, nesses versos, suas angústias, mostrando-se sem alternativas para enfrentar as consequências da fome e para sustentar seus filhos tão diletos e por ela amados. Mostra-se ainda frágil e sofrida, com um tom desesperado, diante das impossibilidades de estar com seus filhos. Reconhecer que a separação deles será quase inevitável, deixa-lhe sem forças. A voz poética materna credita à palavra criadora o consolo, o conforto e, quiçá, o inventar e forjar caminhos para ter pão e comida para seus filhos.

Em *Súplica de mãe* (p. 77-78), é a voz de um filho falecido que, pelos e com seus versos, consola sua mãe, mediante a dor da morte e de suas mazelas, por exemplo, clamando pela fé no Criador e em Jesus Cristo e a morte tornam-se, possivelmente, caminhos de enfrentamento, quiçá, e superação das mazelas que lhe atormentam.

[...]
Não lamentos minha ausência
Findou-se a minha existência
Sou tão feliz aqui no espaço
Deus sendo o meu bom amigo
Talvez foi justo comigo
Colhendo nos teus braços.

Constrange-me a tua aflição
Deixei-a na solidão
Venho lenir a tua dor.
Não lamentos a minha partida
Porque espero-a querida
No seio do criador.

Há em comum, nessas vozes, sentimentos de perda, decepções, sofrimentos, mas também o desejo de amar e ser amado, resistência e esperança frente às contingências da miserabilidade, fome, efemeridades e agonias da vida. Neste sentido, a tessitura poética de Carolina apresenta-se libertária.

Diversos poemas-contos-diários integram a *Antologia e indicam hibridismos de gênero, temas e vozes que perpassam a escrita poética de Carolina*. Assim, curtas narrativas são contadas em verso, com marcas de auto-referencialidades, dando a conhecer os vários (eu) que constroem a sua identidade autoral.

Encontrei-me como uma senhora
De fisionomia abatida
Perguntei-lhe por que chora?
Já estou exausta e vencida.

Não mais dá gosto em viver
Que luta! Que aflição!
Oh! Deus que hei de fazer
Dá-me tua proteção.

Trabalho o ano inteiro
Nem um dia posso perder
Luto e não tenho dinheiro
E nem pão para comer.

Tenho medo de enlouquecer
Oh! Existência oprimida

Não sei quem é que vai deter
O alto custo da vida.

Não sei porque estou vivendo
Se me falta até a ilusão
É uma forma de ir morrendo
Lentamente, à prestação.

Vivo falando sozinha
Extravasando minha dor
Recordando a época que eu tinha
Tranquilidade interior.

Não mais posso trabalhar
Pungente é minha condição
E se eu for mendigar?
Ameaçam-me com a prisão.

Não percebem as autoridades
Que já estou aprisionada
Com estas dificuldades
Que sou uma desgraçada?

A velha rota e revolta
Tudo o que sofreu narrou-se.
Vivo ao léu sem ter morada
O mundo do pobre acabou-se.

Deus! é a única esperança
Desta classe sem apoio certo
Luta e sofre por fim se cansa
Igual ao viajante no deserto.
(p. 165)

Nesse poema-conto-diário, *Atualidades*, uma voz narra, poeticamente, desilusões, angústias e desespero vividas por uma *senhora*, com quem se encontrou, ocasionalmente, e com quem se confunde – e se identifica – nos versos. A voz atribui

à *senhora* o ato, quiçá, uma oportunidade, de narrar-se. Assim, vozes autoral, poética-narradora e narrada entrecruzam-se e, rizomaticamente, contam de si com traços de um realismo contundente e uma aparente desesperança da *senhora*, a voz narrada. É a voz poética-narradora que aponta uma possível forma de resistência e, talvez, de libertação: esperança em Deus. Já em *Remorso*,

Na minha porta veio um dia
Uma senhora a implorar.
Unida ao peito trazia
Uma criança a chorar

Ajoelhou-se, as vestes desfeitas,
Tenha dó desta infeliz, compadece
Manda aviar esta receita
Que Deus no céu lhe agradece

Senhor! salve esta inocente.
Veja, é grave o seu estado
Se o teu filho está doente...
Creio não ser o culpado.

A criança os olhos ergueu.
Ficou-me e deu-me um sorriso
Depois para mim respondeu:
Somente de Deus eu preciso!

A criança não tinha idade
Para falar e falou!
Por eu negar-lhe a caridade,
Deus me castigou.

Vi a mulher entristecer
E aos pouco perder a cor,
Seu único filho fenecer;
Debatendo-se no estertor.

Na minha mente gravou
Aquele sorriso ingênuo sorriso.
Quando a criança falou:
Somente de Deus eu preciso.

De tanto pesar chorei
E nada mais me consola
Desgosto porque neguei
Uma esmola!
(p. 142-143)

Nesse poema aparece mais uma *senhora*, agora mãe, com uma filha doente, que vai ao encontro de um *senhor*, batendo à sua porta, a voz poética-narradora, pouco ou nada sensível ao sofrimento alheio e, sobretudo, dos pobres. Deus se apresenta como o conforto dos desgraçados, miseráveis e famintos, contudo, agora, quem indica é a voz narrada. Novamente, a voz poética-narradora e a narrada misturam-se, interseccionando-se, mas sem perder a distinção e peculiaridades inerentes aos mundos diferentes em que vivem, os dos possuídos e aqueles (as) desprovidos (as) de condições mínimas de sobrevivência e de superação de intempéries, tal como a doença, intrínseca à existência humana.

Existir, Viver e Resistir são epítomes que desenham a escritura de Carolina Maria de Jesus, uma vez que encontrou na escrita um meio de sobrevivência e resistência, bem como de reinvenção do seu cotidiano e da sua existência. Por meio da palavra literária, a autora lamentou e, ao mesmo tempo, afugentou de si, ora com coragem, ora entristecida e desanimada, os dissabores da miséria e da fome. E ainda, de forma criativa, inventou-se *Poeta da Fome*.

Múltiplas Vozes e Memórias Poéticas em *Antologia Pessoal*

A *Antologia Pessoal* caracteriza-se não só pela variedade de vozes que se enunciam e de lugares em que se constroem as memórias poéticas, mas se destaca, sobretudo, pela sua diversidade de temas, conforme veremos a seguir. Alguns, como solidão, saudade, maternidade, vida, tormentos, morte, sonhos, vida de operários, caridade, amor, dentre outros, transitam em diversos poemas, sendo bastante frequentes e até repetitivos. Das 86 poesias da *Antologia*, saliento *Quadros* (p. 197-213) por considerar o poema-conto-diário uma súpula dessa *Antologia*. Esse poema é composto por 85 estrofes, formados por quartetos, em que as temáticas mencionadas são recorrentes e sintetizam os vários sentidos que foram atribuídos pela *Poeta da Fome*.

Sem preocupação com a métrica, ditada pelos pressupostos da teoria literária, tampouco com os ditames do Cânone, com tom coloquial, os poemas de *Antologia Pessoal* (1996), de Carolina Maria de Jesus, se apresentam em meio às transgressões linguísticas e gramaticais, mais ainda, à reversão de paradigmas e, acima de tudo, de estéticas. Em seus versos aparecem múltiplas vozes: ora são masculinas, como em *Lua de mel* (p. 73-76),

Reclinado na janela
Tristonho pensando nela
Olhos verdes. Linda cor.
Dentro do peito eu sentia
E o meu coração que batia
Era o desejo do amor.

Eu sempre fui apressado
Pus-me a caminho a seu lado
De vez em quando, um suspiro
Ela fitou-se sorridente:
Se sou inconveniente
Com licença me retiro

[...]
És linda como a primavera
Eu anseio e vivo à espera
Ao seu meigo e doce amor,
O meu nome é Ismael
Vamos passar a lua de-mel
Lá em São Salvador.
[...]

Ora femininas. Quase sempre são mulheres que amam e não são amadas, mães, pobres, sofridas e comprometidas com as labutas para a sua sobrevivência e de sua prole, solitárias, como em *Saudades de mãe* (p. 81-82),

[...]
Hoje, é bem triste a minha vida
Porque não vivo contente
Estou distante esquecida
Longe dos meus parentes.
Um dia deixei a minha terra
Minha mãe e do meu irmão.
Mas, não sabia que era
Eterna separação.
[...]

Com um teor memorialista, como em *O Marginal* (p. 87-90), uma voz poética masculina (re) inventa o seu passado, presentificando-o.

Vou citar-lhe o meu passado
Quando jovem fui notado
Era alegre, de janeiro a janeiro
Eu cantava uma canção
E tocava violão
Com os meus companheiros.

Nós fazíamos serenata
E a lua cor de prata
Brilhava no firmamento
Para minha amada, eu cantava
A canção que ela declarava
Não me sai do pensamento.

[...]
Nos versos que eu cantava
Meu afeto eu revelava.
E ela compreendia
Haveremos de nos unir.
Se o seu pai consentir
Para mim, que alegria!

Ela pousou o olhar no chão
Não sei se foi emoção
E começou a chorar:
Meu pai aprecia um nobre
E disse-me que tu és pobre
E não nos deixa casar.

Suas palavras me feriu
E o meu coração dividiu
E eu perdi todo o ideal
Ela vive ao lado de um nobre
Não revoltado por eu ser pobre.
Eu não lhe desejo mal.
[...]

Como nesse poema-conto-diário, em *O turco e lampião* (p. 155), *Mentira* (p. 139), *Reminiscências* (p. 168) etc. vozes narradoras, personagens-poéticas, cantam e, simultaneamente, contam, (auto) ficcionalizando, sua existência e o estar no mundo. Com isso, o contar de si, poeticamente, é mais uma tentativa da voz autoral de demarcar suas territorialidades e reivindicar garantias de reconhecimento de suas historicidades e, sobretudo, de sua tessitura literária.

Vale ressaltar que, nos 86 poemas, prevalecem desejos das vozes autorais de justiça e de viver o (e) com amor. Nesta perspectiva, é que poderemos compreender o tom universalista que perpassa os poemas da *Antologia*, aqui ilustrado por *Vidas* (p. 234-235).

Nem sempre são ditosas
Vidas das pessoas famosas
Edgar Alan Poe morre na sarjeta
Na guilhotina Maria Antonieta
Luis de Camões teve que mendigar
Gonçalves Dias morre ao mar
Casimiro de Abreu morre tuberculoso
Tomaz Gonzaga, louco furioso
Getúlio para impedir outra revolução
Suicida-se com um tiro no coração
Santos Dumont inventor do avião
Que foi utilizado na revolução
Para ver o Brasil independente
Morre na forca nosso Tiradentes
Luís XVI, rei incidente
Morre tragicamente
Sócrates foi condenado a morrer
Ciente lhe obrigaram a beber
João Batista repreendia os transviados
Foi preso e decapitado
Abraão Lincoln abolindo a escravidão
Foi morto à traição
Euclides da Cunha escritor proeminente
Sua morte foi cruelmente [...]

Na poética de Carolina, como construção autobiográfica, não faltam nuances de pertencimento étnico-racial, traços identitários de gênero, classe, geracional da voz autoral que, além de uma elaboração de si para si, se põe em diálogos

com o contexto sociocultural e com tantos outros/as, diversidades e diferenças, como a voz poética autoral declara em *Quadros*.

Eu disse: o meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa (p. 201).

Vale a ponderação que, na *Antologia*, temas afins a essas identidades, aparecem, esporadicamente, e não com a intensidade e os tons com que se postulam, por exemplo, na contemporaneidade, projetos estéticos como literaturas negra e afro-feminina, ou em torno de pautas e fóruns acadêmicos como *Literatura e Negritude*, *Literatura e Gênero* e *Literatura e Diversidades*. Destarte, Carolina quase não estabeleceu relações com outros/as autores/as negros/as de seu tempo. Contudo, isso não representa silenciamento ou ausência de consciência negra. Como denotamos nos versos acima e em outros poemas, ela escreveu ciente de que sempre esteve em meio a sistemas de relações pouco (ou quase nunca) equânimes, sustentados por múltiplas desigualdades, injustiças e discriminações.

O ofício de ser poeta e a própria palavra poética são abordagens que também interessaram a Carolina. *Riso de Poeta* (p. 108) e *Pensamento de poeta* (p. 108) são metalinguísticos dedicados ao/à inventor/a de versos e sua arte da palavra. A autora utilizou de seus versos para tornar público o seu amor e sua história com a poesia, como em *O exilado* (p. 160).

Eu não esqueço aquele dia:
A vez primeira que li
Era uma linda poesia
E a emoção que senti
O meu autor predileto

O imortal Gonçalves Dias
Eu lia com muito afeto
Os seus livros de poesias

Pobre poeta exilado
Na terra que não é sua
Sente saudades dos prados
Das nossas noites e lua.
[...]
O que fez Gonçalves Dias
Para ser exilado?
Será que escrever poesias
É pecado?

Além disso, a figura do poeta é constante, aparecendo em contínuo diálogo com a voz poética, como em *Poeta* (p. 91),

Poeta, em que medita?
Por que vives triste assim?
É que eu a acho bonita
E você não gosta de mim.
Poeta, tua alma é nobre
És triste, o que o desgosta?
Amo-a. Mas sou tão pobre
E dos pobres ninguém gosta.

Poeta, fita o espaço
E deixa de meditar.
É que... eu quero um abraço
E você persiste em negar.

Poeta, está triste eu vejo
Por que cisma tanto assim?
Queria apenas um beijo
Não deu, não gosta de mim.

Poeta!
Não queixas suas aflições
Aos que vivem em ricas vivendas
Não lhe darão atenções
Sofrimentos para eles são lendas.

O aqui e o agora, nas memórias poéticas de Carolina, também aparecem multifacetados e com oscilações: ora exageradamente realista, ora envolvido por lirismo e por um passado distante e, concomitantemente, próximo, e, por vezes, revestido de estereótipos. O poema *Desilusão* (p. 131-132) ilustra bem esse mosaico.

Tive um desgosto profundo
Neste mundo.
E levo a vida a meditar.

O que me vê sorrindo diz
Que sou feliz
Porque eu sei dissimular.
Vivo tristonha sem ilusão
Que provação.

Passo os dias sempre sofrendo.
Que existência sacrificada
E atribulada!
Nem sei porque estou vivendo.

A minha alma já envelheceu
E eu?
Aos poucos fui me entristecendo,
Tenho uma mágoa interiormente
E atualmente...
Estou morrendo! Estou morrendo!

A causa da minha dor
Foi o amor:

Não fui correspondida.
Por isso eu vivo isolada
E amargurada.
Eis o drama da minha vida.

Só quem já foi preterida
Na vida
É quem conhece esta extensão,
É quem pode analisar
E citar:
O que é uma desilusão.

O ordinário, o inevitável e factual passeiam nos versos com um lirismo tristonho, desolador e um tanto desconcertante, tecendo o cotidiano e, ao mesmo tempo, nutrindo-se dele. Com e através de suas memórias, em prosa ou em verso, Carolina enxergou e enfrentou a si e o mundo complexo que lhe rodeava. Em *A vida* (p. 166), uma voz, sem perda de controle, mas em tom de desabafo, desvela-se diante de sofrimentos quase insuportáveis:

A vida é concernente
Aos que dela tiram proveito
Eu sofro horrivelmente
Ao ver o meu sonho desfeito
Será banalidade...
Sonhar com a felicidade?

No auge dos sofrimentos
Quem não maldiz a sua sorte
Todos nós temos momentos
Que desejamos a morte
Breve: quem sabe farei
A viagem da eternidade
Recordações levarei
Não sei se deixo saudades.

Não tenho mãe para chorar
A perda do filho amado
Sou uma ave sem lar
Um infausto exilado.
Vivo ao céu sem ter abrigo
Somente Deus é o meu amigo

Não faltam também versos, por vezes, com temas, sentidos e ecos, imbuídos de sonhos, romantismo, realismo e até de certa ironia, como cantados em o *Hino ao amor* (p. 220-221),

Toda vida têm um drama
Só a infância tem comédia,
Quando a gente cresce e ama
É que conhece a tragédia.

Quando no amor é correspondida,
Duplica-se a nossa ilusão
Quando se é preterida,
Que mágoa no coração!

Quando o homem nos tem amor,
A mulher acha lindo o seu viver.
Se lhe pretere que estertor!
Blasfema chora e quer morrer. [...]

Amor e paixão desfilam, por consoante, intensa e frequentemente, na *Antologia*. Como literatura de cunho confessional (LIMA, 1986), suas memórias poéticas ficcionalizam possíveis vivências amorosas e de afetos. A voz autoral, parece, faz, com e pela poesia, uma oportunidade de cantar e tornar públicos seus sentimentos e histórias de amor, ainda que, às vezes, nem todos foram vividos no nível de intensidade e no modo com que desejava.

A multiplicidade de vozes e temáticas, que passeiam na *Antologia Pessoal*, ficcionalizam o vivido e o presentificam, não como ocorrera, mas como vozes poéticas-narradoras que, a um só tempo, recordam dores, sofrimentos e o labor do existir. Reinventam o cotidiano, como prática de resistência e libertária, permeada de lembranças, banindo aquilo que a voz autoral não deseja rememorar e inventar poeticamente. Desse modo, os poemas-contos-diários (des) dessa coletânea tecem histórias lembradas e inventadas, imbuídas de imaginários em que o cotidiano e atributos sócio-histórico-culturais compõem a tessitura poética de Carolina Maria de Jesus.

Ainda Algumas Palavras Mais

As memórias poéticas de Carolina Maria de Jesus, neste íterim, são escritas de si/nos e, a um só tempo, inscrição de si/nos em novos lugares, imaginários, papéis sociais e identidades que demarcam *práticas discursivas* interseccionadas por lirismos, afirmações, denúncias, e múltiplas formas de resistência. São um permanente exercício de reinvenção de si/nós, quiçá, gritos poéticos de sofrimento e miséria, que se querem ouvidos, recriados pela imaginação, pelas tristes realidades vividas e ressignificadas, enfim, por aquilo que ela escolheu ficcionalizar, lembrar e esquecer.

Para Carolina Maria de Jesus, suas memórias poéticas são, como vimos nessas leituras descritivo-interpretativas, fundamentais estratégias de busca por sobrevivência, autoconhecimento, por fazer-se conhecer como escritora e entendimento das teias que tecem o mundo, os fatos históricos e as relações que lhe circundaram. Inúmeros outros olhares, certamente, ainda despontam e precisam ser evidenciados. Emergem, inclusive, várias temáticas, tais como morte, mendicância, velhice etc. dessas memórias, as quais merecem, igualmente, serem destacadas.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____, M. *Escritas de Si*. In: *O que é um autor?* Portugal: 3 ed. Trad Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Portugal, Lisboa: Vega, 1997.

_____, M. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio A. da Fonseca. Salma Tannus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos).

JESUS, Carolina Maria de Jesus. *Quarto de Despejo*. Diário de uma favelada. 2. Ed. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

_____, Carolina Maria de Jesus. *Antologia Pessoal*. MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1996.

LIMA, Luis Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara Ed., 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Os fios dos desafios: o retrato de Carolina Maria de Jesus no tempo presente*. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Artes do corpo*. São Paulo: Selo Negro, 2004 (Memória afro-brasileira; v. 2).

Recebido: 01.09.2016 – **Aprovado:** 15.10.2016